



A prevalência e motivação da prática da automedicação na sociedade e o papel da enfermagem


The prevalence and motivation of self-medication practice in society and the role of nursing


 DOI: 10.5281/zenodo.8006573

 ARK: 57118/JRG.v6i13.571

Recebido: 23/02/2023 | Aceito: 05/06/2023 | Publicado: 01/07/2023

Brida Feire de Araújo¹


 <https://orcid.org/0000-0002-8219-8019>


 <http://lattes.cnpq.br/8376790009102541>

Universidade Paulista, DF, Brasil

E-mail: bridafaraujo@gmail.com

Janine Alves de Souza Cavalcante²


 <https://orcid.org/0000-0002-7778-3571>


 <http://lattes.cnpq.br/6720368731913532>

Universidade Paulista, DF, Brasil

E-mail: janine.acavalcante@gmail.com

Marco Aurélio Ninômia Passos³

 <https://orcid.org/0000-0003-4231-8941>

 <http://lattes.cnpq.br/9046655386585839>

Universidade Paulista, DF, Brasil

E-mail: marconinomia@gmail.com



Resumo

O objetivo deste estudo foi compreender quais os motivos da prática da automedicação, analisando a sua prevalência, juntamente com a análise do papel da enfermagem.

Métodos: Trata-se de uma revisão integrativa de literatura com análise descritiva em que foram analisados estudos e pesquisas sobre o tema dos riscos da prática da automedicação. Para a análise e levantamento de dados foram considerados artigos disponíveis na íntegra, publicados nos últimos 6 anos presentes nas bases de dados eletrônicos Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), *Scientific Electronic Library Online - Scielo* e Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS).

Resultados: Foram selecionados 14 artigos para discussão, os mesmos foram organizados separadamente por categoria conforme o assunto abordado. Desta forma foi possível obter de forma objetiva uma análise criteriosa das conclusões propostas em cada um. **Conclusão:** Foi evidenciado que a prevalência da automedicação na população acomete em maior quantidade o público feminino e, em vista da condição financeira, a que mais prevalece a prática é a classe de baixa renda. Ainda quanto à prevalência, conclui-se que a escolaridade em que a automedicação errônea é variável. Quanto à motivação dos indivíduos para a prática da automedicação, concluiu-se que dentre diversos motivos, os principais são: os idosos comumente confundem sintomas

¹ Graduanda em Enfermagem pela Universidade Paulista.

² Graduanda em Enfermagem pela Universidade Paulista.

³ Graduado em Ciências Biológicas pela Universidade Católica de Brasília (2006). Mestre em Ciências Genômicas e Biotecnologia pela Universidade Católica de Brasília (2009). Doutor em Biologia Molecular pela Universidade de Brasília (2014).

do envelhecimento natural com sintomas patológicos, procurando sanar os sinais e sintomas por meio da automedicação errônea. O estoque domiciliar, desejo de autocuidado, falta de tempo para consulta com profissional da saúde também foram identificados como motivações.

Palavras-chave: Automedicação. Enfermagem. Efeitos adversos. Educação em saúde.

Abstract

Objective: *The objective of this study was to understand the reasons behind self-medication practices by analyzing its prevalence, along with the analysis of the role of nursing.* **Methods:** *This is an integrative literature review with a descriptive analysis, where studies and research on the risks of self-medication were analyzed. For data analysis and collection, articles available in full text published in the last 6 years were considered from the electronic databases of the Virtual Health Library (VHL), Scientific Electronic Library Online - Scielo, and the Latin American and Caribbean Health Sciences Literature (LILACS).* **Results:** *Fourteen articles were selected for discussion and organized separately by category according to the topics addressed. This approach allowed an objective and careful analysis of the proposed conclusions in each article.* **Conclusion:** *It was evidenced that the prevalence of self-medication is more common among the female population and, considering the financial condition, the practice is more prevalent among the low-income class. Regarding prevalence, it was concluded that the level of education performs a variable role in erroneous self-medication. Regarding the motivation of individuals for self-medication, it was concluded that among various reasons, the main ones are: the elderly often confuse symptoms of natural aging with pathological symptoms, seeking to alleviate signs and symptoms through erroneous self-medication. The presence of a home medicine cabinet, desire for self-care, and lack of time for a consultation with a healthcare professional were also identified as motivations.*

Keywords: *Self-medication. Nursing. Adverse effects. Health education.*

1. Introdução

A automedicação é um mal crescente na sociedade, fazendo com que pessoas comprem suas medicações sem receituário e sem instruções devidas, decidindo sozinhas o método que acham que seja o melhor para curar o transtorno que também foi autodiagnosticado (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 1998).

Segundo dados presentes em um levantamento realizado no ano de 2019 pelo Conselho Federal de Farmácia (CFF) em parceria com o Instituto Datafolha, existe uma grande parcela da população brasileira que pratica automedicação. Os dados informam que a população que fez o uso de algum tipo de medicação por conta própria ou alterou a dosagem corresponde a uma parcela de 77% da sociedade brasileira. Ainda sobre essa parcela, cerca de 47% tem o hábito de praticar a automedicação pelo menos uma vez por mês, e outra quantia de 25% faz um o uso indevido de medicamentos rotineiramente ou pelo menos uma vez por semana (CFF, 2019).

Por conta da pandemia da COVID-19, houve um aumento significativo na prática de automedicação. Enorme foi a quantidade de notícias falsas anunciando e propagando medicações que “curavam” — sem comprovação científica de que realmente contribuía para a cura dessa doença tão nova e desconhecida — a COVID-19. Assim, grande parte da população aceitou como verdade os efeitos dos

medicamentos e os ingeriu sem necessidade, por medo desse vírus que estava se espalhando tão rapidamente pelo mundo. Em 2020, acentuou-se consideravelmente a procura por medicamentos como hidroxicloroquina (antimalárico), a ivermectina (vermífugo) e a nitazoxanida (antiparasitário) devido à propagação de que estes eram medicamentos que curavam a COVID-19 (CFF, 2020).

Segundo informações constatadas nos dados publicados pela Associação Brasileira das Indústrias Farmacêuticas (Abifarma), a quantidade de brasileiros que vão a óbito por consequência da prática de automedicação é de 20 mil por ano (BIBLIOTECA VIRTUAL EM SAÚDE, 2021).

Estão presentes na Política Nacional de Medicamentos, dentro de suas diretrizes e prioridades, a promoção do uso racional de medicamentos e a realização e disseminação de campanhas educativas com vistas às consequências do uso indevido de medicamentos. A iniciativa dessas campanhas de responsabilidade é dos gestores do SUS em conjunto com as entidades da sociedade civil organizada (BRASIL, 2001).

Tendo em vista os fatores e informações supracitados, é notória a influência crescente dos meios de comunicação com relação a informações errôneas sobre medicações, difundindo na sociedade a prática da automedicação. É de suma importância que sejam mais amplamente apurados e investigados os meios pelos quais essas informações são disseminadas. Por meio das informações supracitadas, é nítido que deveria existir mais imposições de normas pelas autoridades para estes domínios que realizam publicações sobre medicamentos. É fato que a sociedade, em sua maioria leigos no assunto, acredita fielmente nas informações publicadas, mas se faz necessário saber se de fato são verídicas e comprovadas por órgãos reconhecidos e autenticados. As pessoas têm praticado cada vez mais a automedicação por diversos motivos, porém, crê-se que a maioria não entende os riscos que essa prática causa a elas e seus familiares, visando a grande necessidade da enfermagem como disseminadora de conhecimento para os pacientes acerca dos potenciais riscos (TREBIEN, 2011).

Com tantas informações já citadas, é nítido que a consequência da automedicação sem supervisão e prescrição de um profissional da área da saúde traz riscos muito sérios para a população, tais como efeitos adversos, camuflagem dos sintomas de uma doença mais grave, intoxicações e até óbito. Sendo assim, por meio da revisão de pesquisas e disseminação dos resultados, é possível que se conscientize por meio de dados a população do real perigo a que estão expostas as pessoas que praticam a automedicação sem prescrição. Por outra perspectiva, também pode ser avaliada e contextualizada a relação entre o profissional e o paciente, tendo em vista que muitas pessoas relatam que realizam a automedicação por não se sentirem acolhidas e bem instruídas pelo profissional de saúde. Assim, há uma percepção de que se consegue resolver sozinho seu problema por meio dessa prática.

Portanto, o objetivo deste estudo foi compreender quais os motivos da prática da automedicação analisando a sua prevalência, juntamente com a análise do papel da enfermagem.

2. Metodologia

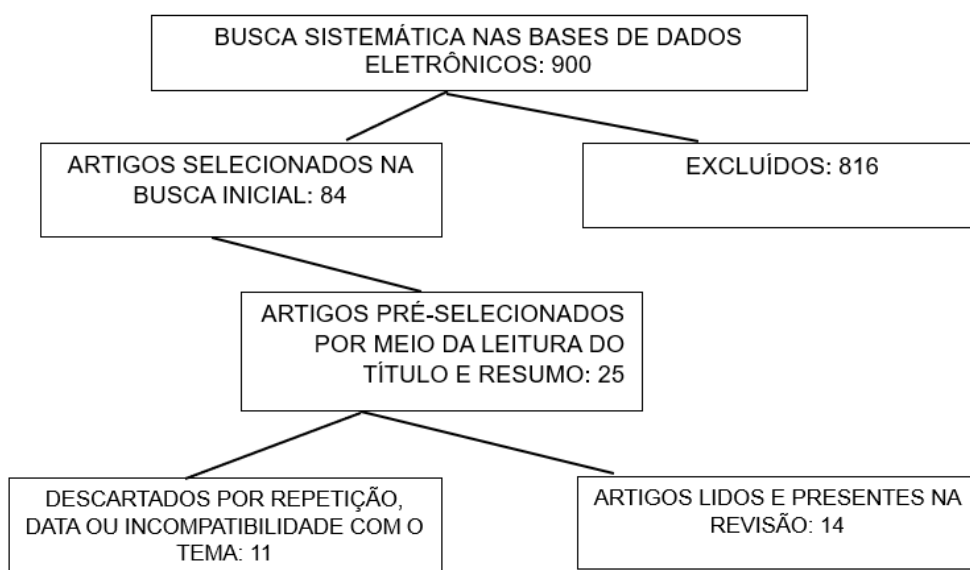
Trata-se de uma revisão integrativa de literatura com análise descritiva, em que foram analisados estudos e pesquisas sobre o tema dos riscos da prática da automedicação para que possa ser sintetizada, de forma sistemática e organizada, uma discussão sobre quais são os riscos dessa prática para a população. Esta metodologia é importante por ser comumente utilizada como uma forma mais prática e dinâmica para que os profissionais possam adquirir conhecimento sobre o tema com base na

junção de diversos estudos e pesquisas difundidos em uma revisão integrativa, sendo assim uma forma de disseminação de conhecimento científico que colabora para uma boa Prática Baseada em Evidências (PBE) no atendimento ao paciente.

Para a análise e levantamento de dados foram considerados artigos disponíveis na íntegra, presentes nas bases de dados eletrônicas Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), *Scientific Eletronic Library Online (Scielo)* e Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS). A busca foi realizada por meio dos descritores “Automedicação”; “Enfermagem”; “Efeitos adversos”; “Enfermagem primária”; “Medicamentos”; “Polimedicação” e “Educação em saúde”. Como critérios de inclusão, foram adicionados filtros para artigos somente na língua portuguesa e com data de publicação nos últimos 6 anos, artigos que estavam relacionados à temática da prática da automedicação e o papel da enfermagem. Como critério de exclusão estão artigos que não apresentam relação com o tema proposto, assim como artigos que em idiomas que não sejam o português.

Após a seleção dos artigos, foi realizada uma leitura detalhada e criteriosa de todos, sendo analisada a relação entre a pesquisa e o tema proposto à procura de informações decisivas para a discussão do tema da presente revisão integrativa, de forma a se evitar fuga ao tema principal. O método aplicado na seleção dos artigos está detalhado na figura 1.

Figura 1 - Fluxograma detalhado do método aplicado na seleção dos artigos.



Fonte: autora, 2023.

3. Resultados e Discussão

Foi realizada uma comparação de dados entre todos os artigos selecionados após leitura e análise criteriosa das informações e conclusões propostas. No Quadro 1 encontram-se em resumo as informações gerais de cada artigo presente na discussão deste estudo, que ao total foram 14.

Quadro 1 - Distribuição de artigos selecionados de acordo com o título, autores, objetivo, conclusão e ano de publicação.

	TÍTULO	AUTOR (ES)	OBJETIVO	CONCLUSÃO	ANO
ARTIGO 1	Prevalência e os fatores associados à utilização de medicamentos por automedicação no Brasil	ARRAIS, P. S. D. <i>et al.</i>	Analisar a prevalência e os fatores associados à utilização de medicamentos por automedicação no Brasil.	A automedicação é prática corrente no Brasil e envolve, principalmente, o uso de medicamentos isentos de prescrição, devendo os usuários ficarem atentos aos seus possíveis riscos.	2016
ARTIGO 2	Automedicação em crianças e adolescentes	PEREIRA, F. S. V. T. <i>et al.</i>	Determinar a prevalência da automedicação em crianças e adolescentes dos municípios de Limeira e Piracicaba (SP), correlacionando-a a indicadores sociodemográficos e utilização de serviços de saúde (pública ou privada).	A prevalência da automedicação em crianças e adolescentes foi alta, reforçando a necessidade de intervenção das autoridades de saúde na prevenção desses agravos.	2007
ARTIGO 3	A automedicação e os acadêmicos da área de saúde	AQUINO, D. S.; BARROS, J. A. C.; SILVA, M. D. P.	Avaliar o comportamento dos futuros profissionais de saúde com relação à utilização de medicamentos, particularmente, à prática da automedicação.	O consumo de medicamentos entre os estudantes universitários no município do Recife é elevado. Por se tratar de profissionais da área de saúde, esperava-se que o consumo fosse menor e mais racionalizado	2010
ARTIGO 4	Tendência da prática de automedicação entre idosos brasileiros entre 2006 e 2010: Estudo SABE	SECOLI, S. R. <i>et al.</i>	Examinar as tendências da prática de automedicação dos idosos do Estudo SABE entre 2006 e 2010.	A extensão da prática de automedicação nos idosos do SABE apresentou redução entre 2006 e 2010. Os achados reforçam a importância de monitorar, avaliar e educar continuamente os	2018

				idosos acerca dos riscos e benefícios do consumo de medicamentos, sobretudo daqueles isentos de prescrição.	
ARTIGO 5	Automedicação em usuários da Atenção Primária à Saúde: motivadores e fatores associados	RAMIRES, R.O. <i>et al.</i>	Estimar a prevalência, os motivadores e os fatores associados à automedicação em adultos e idosos atendidos na Atenção Primária à Saúde (APS).	Verificou-se a importância de automedicação, especialmente em mulheres, jovens e com maior escolaridade.	2022
ARTIGO 6	Automedicação e Saúde Pública: dimensionamento dos fatores de risco e comportamentos de saúde	BATISTA, J. A. <i>et al.</i>	Caracterizar a prática da automedicação na população adulta, bem como investigar os fatores de risco e os comportamentos individuais de saúde.	Conclui-se que mais da metade dos usuários da atenção primária à saúde no Brasil fez uso de medicamentos sem prescrição.	2021
ARTIGO 7	Experiência com a Transmissão de um programa sobre automedicação por meio de uma Web Rádio	CORREIA, V. G. A. <i>et al.</i>	Descrever a experiência com alunos de uma escola estadual após transmissão de um programa sobre automedicação por meio de uma web rádio com participação ativa da juventude.	Os alunos participantes tiveram a oportunidade de tirarem suas dúvidas sobre o tema em discussão e a transmissão de informações por recursos tecnológicos mostrou-se uma necessidade de atividades de promoção sobre a temática.	2020
ARTIGO 8	Promoção do uso racional de medicamentos no contexto dos 3º e 4º ciclos da educação de jovens e adultos	HENRIQUES, M. Q. S. <i>et al.</i>	Traçar o perfil socioeconômico, demográfico e farmacoterapêutico de alunos; promover atividades de educação em saúde	O desenvolvimento de práticas educativas no âmbito da educação de jovens e adultos incentivam o diálogo e a participação dos envolvidos, com grande potencial para ampliação do acesso às informações associadas ao autocuidado em saúde em suas	2020

famílias, escola e comunidade.

ARTIGO 9	A relevância da extensão acadêmica sobre a prática racional de medicamentos: relato de experiência	LIMA, C. S. <i>et al.</i>	Apresentar a experiência da extensão acadêmica vivenciada por estudantes do curso de enfermagem durante um Projeto de Extensão Comunitária pela Faculdade CESMAC do Sertão.	As atividades desenvolvidas conseguiram contribuir de forma significativa para a ampliação da educação em saúde, proporcionando aos beneficiados estratégias simples que garantem o conhecimento sobre o uso racional de medicamentos, além de promover a integração da faculdade com a sociedade.	2020
ARTIGO 10	Acesso e implicações da automedicação em idosos na atenção primária à saúde	SILVA, I. D. D. <i>et al.</i>	Avaliar o acesso e sua interferência no processo da automedicação em idosos.	Apesar de não ter encontrada associação entre acesso e automedicação, foi identificada a alta prevalência dessa prática.	2019
ARTIGO 11	Influência da publicidade na automedicação na população de um município brasileiro de médio porte	GONÇALVES JÚNIOR, J. <i>et al.</i>	Estimar a prevalência da automedicação e avaliar a influência da propaganda nesse hábito	A prevalência de automedicação entre os participantes é elevada, o que denota uma necessidade real de se repensar as normas regimentais de publicidade, assim como desperta e sugere para o impacto que campanhas publicitárias bem elaboradas podem ter no público em geral.	2018

ARTIGO 12	Prevalência, perfil e fatores associados à automedicação em adolescentes e servidores de uma escola pública profissionalizante	MATOS, J. F. <i>et al.</i>	Avaliar a prevalência, o perfil e fatores associados à automedicação na população do Instituto Federal Minas Gerais/Ouro Preto, constituída principalmente por adolescentes.	Estes fatores reforçam a importância do acesso a consultas médicas e de ações de conscientização sobre o uso racional de medicamentos.	2018
ARTIGO 13	Prevalência e fatores associados à automedicação em adultos no Distrito Federal: estudo transversal de base populacional	DOMINGUES, P. H. F. <i>et al.</i>	Estimar a prevalência e investigar fatores associados à automedicação em adultos no Distrito Federal, Brasil.	A automedicação foi maior em adultos jovens e naqueles com dificuldades na realização de atividades cotidianas.	2017
ARTIGO 14	Automedicação entre profissionais da saúde	GALVAN, M. R.; PAI, D. D.; ECHEVARRÍA-GUANILO, M. E.	Identificar as evidências disponíveis na literatura sobre automedicação em profissionais da saúde.	É necessário identificar medidas que controlem essa prática a fim de preservar a saúde dos trabalhadores da área da saúde.	2016

Fonte: autora, 2023.

Frente aos estudos e pesquisas sobre a prática da automedicação, é possível observar várias formas de explorar e investigar os resultados obtidos. Para melhor compreensão e exposição das informações, foi realizada uma divisão em categorias dos achados para discussão, sendo eles: quanto à prevalência da população analisada pelos estudos, a motivação da prática da automedicação e a quanto ao papel da enfermagem frente a esta prática presente na população atendida na atenção à saúde. No quadro 2 estão divididas as categorias apresentadas na presente discussão e em qual cada artigo revisado se encontra.

Quadro 2 - Distribuição dos artigos de acordo com a categoria temática

Número do artigo	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14
Prevalência	X	X			X	X		X		X		X	X	X
Motivação			X	X		X				X	X	X		X
Papel da enfermagem	X		X				X	X	X	X				

Fonte: autora, 2023.

3.1 Prevalência

É irrefutável que há uma presença da prática da automedicação em todas as pesquisas presentes, porém, quanto à população prevalente, notou-se que nos artigos 1, 2, 5, 6, 8, 12 e 13 vê-se uma compatibilidade de conclusões em relação à prevalência do sexo feminino como principal praticante da automedicação, sendo que no artigo 3 é explanado que dentre a população de estudantes universitários da área da saúde é alta a prevalência da prática da automedicação, porém não é especificado um tipo de sexualidade prevalente (ARRAIS *et al.*, 2016; BATISTA *et al.*, 2021; DOMINGUES *et al.*, 2017; MATOS *et al.*, 2018; PEREIRA *et al.*, 2007; HENRIQUES *et al.*, 2020; RAMIRES *et al.*, 2022).

No artigo 1, vê-se ainda além da sexualidade, influências nas regiões Nordeste, Centro-Oeste e Norte do Brasil e também quanto a presença de doenças e/ou condições crônicas. No artigo 2, percebeu-se também que majoritariamente a automedicação em crianças e adolescente é praticada pela mãe, sendo uma prática real e frequente, ainda sendo exposto que na maioria dos casos a orientação quanto a forma de medicar a criança foi feita por meio de uma consulta no balcão da farmácia e não por profissional em instituição de saúde por meio de consulta. No artigo 4, é descrito quanto à prevalência da população idosa na prática automedicação, que segue o tópico da presença majoritária do sexo feminino. Em contradição ao artigo 4, no artigo 13 é explanada a análise de que os indivíduos idosos com doenças crônicas tendem a não praticar a automedicação, enquanto o grupo de adultos jovens fazem uso indevido e incorreto de medicamentos sem prescrição em decorrência de não conseguirem realizar todas as atividades cotidianas (ARRAIS *et al.*, 2016; DOMINGUES *et al.*, 2017; PEREIRA *et al.*, 2007; SECOLI *et al.*, 2018).

Quanto aos níveis socioeconômicos, os resultados do estudo presentes no artigo 2 concluem que a prática da automedicação independe do nível socioeconômico, indo em contrapartida às conclusões apresentadas nos artigos 5 e 6, sendo que, no artigo 5, apresentou-se uma constatação de que a classe de nível socioeconômico maior possui conhecimentos maiores acerca dos possíveis malefícios da automedicação não assistida e, por consequência disso, evitam a prática, ao passo que a classe de nível socioeconômico menor possui um efeito super protetor, que os fazem também evitar a prática da automedicação. Sendo assim, a classe intermediária é a mais prevalente quando se diz respeito à prática da automedicação. No artigo 8, o resultado aponta que 39,9% da população analisada no estudo possui uma renda de até um salário mínimo. No artigo 12, é exposto ainda que a maioria da população analisada pelo estudo possui plano de saúde privado. Com essa ideia exposta, um fato que dá sequência ao raciocínio é explanado no artigo 10, onde foi estudado que diversos medicamentos prescritos para idosos por meio do plano de saúde eram inapropriados, o que levanta o questionamento sobre a plena eficiência dos planos de saúde no país (BATISTA *et al.*, 2021; MATOS *et al.*, 2018; PEREIRA *et al.*, 2007; HENRIQUES *et al.*, 2020; RAMIRES *et al.*, 2022).

3.2 Motivação

Quanto à motivação da busca pela automedicação, observou-se diversos tópicos sugestivos desta prática. Nos artigos 4 e 12, foi pontuado que um fator muito presente na motivação das pessoas que fazem o uso indevido de medicamentos sem prescrição são as propagandas veiculadas nos meios de comunicação, pois elas não expõem todos os efeitos adversos das medicações que estão vendendo, deixando, assim, convenientemente o consumidor apenas com parte da informação totalmente verídica (MATOS *et al.*, 2018; SECOLI *et al.*, 2018).

Ainda no artigo 4, é evidenciado que na população estudada é presente um grande desejo e necessidade de autocuidado como motivação, por não possuírem residentes em sua casa além deles mesmos, o que torna a automedicação uma forma de autocuidado. Já no artigo 6, é possível notar que uma das principais motivações é a de que alguns indivíduos acabam praticando a automedicação simplesmente por terem livre acesso às drogas dentro de casa presentes em estoques, as quais foram previamente utilizadas em tratamentos terapêuticos por seus parentes, os quais os mesmos tiveram um resultado bem-sucedido (BATISTA *et al.*, 2021; SECOLI *et al.*, 2018).

No artigo 10, foi explorada a temática da motivação da população idosa quanto à prática da automedicação, visto que em generalidade na sociedade é comum que haja confusão entre os sintomas patológicos e sintomas puramente provenientes do envelhecimento do corpo humano. Sendo assim, é habitual os indivíduos idosos fazerem o uso de medicação sem necessidade e desprovidos das orientações de um profissional da saúde por desejarem amenizar erroneamente os “sintomas” do envelhecimento (sintomas puramente fisiológicos) (SILVA *et al.*, 2019).

No que se refere aos estudantes e profissionais da área da saúde, os artigos 3 e 14 expõem dados quanto a motivação deste público para com a prática da automedicação, que surpreendentemente é comum. O consumo inadequado de medicamentos pelos estudantes universitários da área da saúde é acentuado, ainda que dentro dos parâmetros. Porém, é notório que os acadêmicos usam o vasto conhecimento acerca das medicações e seus efeitos de forma contrária, visto que, por saberem dos efeitos adversos, deveriam evitar a automedicação inadequada, no entanto, fazem justamente o oposto, ignorando os riscos evidentes. Uma parcela de 75% da população de profissionais da saúde analisada no artigo 14 relata que já se automedicou por saber o que tinha de acordo com os sintomas apresentados e também sabia o que seria receitado caso fosse a uma consulta com outro profissional da saúde (AQUINO; BARROS; SILVA, 2008; GALVAN *et al.*, 2016).

3.3 O papel da enfermagem

Nos artigos 1, 3 e 8 é efusivamente sugerido que se faça presente para a sociedade, por meio de aconselhamento dos profissionais da saúde, a promoção do uso racional de medicamentos para os seus pacientes, por intermédio de práticas educativas, disseminação de conhecimento em saúde via palestras, consultas de rotina, dinâmicas com a comunidade, rodas de conversas, dentre outros. No artigo 3, é elucidada a importância de que o profissional que atua na área da saúde esteja sempre aberto ao diálogo com seu paciente, para que seja possível entender e sanar suas dúvidas, evitando, de forma simples, que o paciente recorra à automedicação por falta de conhecimento e/ou informação. Sendo assim, além de um profissional que assista o paciente frente aos sinais e sintomas patológicos e fisiológicos, é necessário que atue também com cunho educativo (ARRAIS *et al.*, 2016; AQUINO; BARROS; SILVA, 2008; HENRIQUES *et al.*, 2020).

No artigo 7, foi relatada a implementação de um programa no qual o objetivo era disseminar informações e orientações a respeito da prática da automedicação, proporcionando aberturas para os indivíduos sanarem suas dúvidas. Foi evidenciada uma boa adesão ao programa, sendo de principal interesse da população a consequência da automedicação errônea (CORREIA *et al.*, 2020).

O papel da enfermagem é de grande importância quando se diz respeito ao enfrentamento das consequências da prática da automedicação. É possível compreender a importância do papel do enfermeiro com a interpretação dos dados

expostos nos artigos 9 e 10, que argumentam acerca do funcionamento da Atenção Primária à Saúde (APS) por meio das Unidades Básicas de Saúde (UBS), que são a porta de entrada da saúde para a sociedade (SILVA *et al.*, 2019; LIMA *et al.*, 2020).

É imprescindível que para quaisquer campanhas educativas de promoção à saúde, as unidades de porta de entrada estejam funcionando em consonância com os horários que a população pode usufruir de seus serviços. No artigo 10, foi possível entender por meio de dados de UBS localizadas no DF que o horário de funcionamento não estava sendo suficiente para atender às demandas da população, sendo assim foi ampliado para maior acesso aos serviços. É um exemplo claro de que para que possa ser eficiente o papel da enfermagem frente a prática de automedicação por meio da população, é necessário entender a população adscrita do local, levando em conta suas necessidades e características (SILVA *et al.*, 2019).

4. Conclusão

Foi evidenciado que a prevalência da automedicação na população acomete em maior quantidade o público feminino e, em vista da condição financeira, a que mais prevalece a prática é a classe de baixa renda. Ainda quanto à prevalência, conclui-se que a escolaridade em que a automedicação errônea é variável.

Quanto à motivação dos indivíduos para a prática da automedicação, concluiu-se que há diversos fatores que influenciam a pessoa a esta prática. Os idosos comumente confundem sintomas do envelhecimento natural com sintomas patológicos, procurando sanar os sinais e sintomas por meio da automedicação errônea. O estoque domiciliar contribui para que os familiares usem a medicação anteriormente utilizada sem a necessidade de consulta com profissional de saúde.

Conclui-se que as propagandas veiculadas nos meios de comunicação são de grande influência para que a sociedade pratique o ato de se medicar, por não ter acesso à toda a informação sobre a medicação e seus devidos efeitos adversos. Tendo em vista todos os fatores supracitados, evidenciando a população que pratica a automedicação inadequada e os riscos pressupostos a partir desta prática por conta de efeitos adversos, é fundamental que seja definida uma maneira de evitar com que a sociedade avance com essa prática e suas conseqüências. A exemplo, por meio da implementação de programas e campanhas educativas para melhor instruir a população frente aos riscos inerentes da prática da automedicação. Juntamente a isto, também é necessário um planejamento que vise entender a sociedade que usufrui dos serviços de saúde e implementar práticas que atendam a esta população.

Referências

ARRAIS, P. S. D. *et al.* Prevalence of self-medication in Brazil and associated factors. **Revista de Saúde Pública**, v. 50, p. 13s, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1518-8787.2016050006117>. Acesso em: 10 maio 2023.

AQUINO, D. S.; BARROS, J. A. C; SILVA, M. D. P. A automedicação e os acadêmicos da área de saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 15, n. 5, p. 2533–2538, ago. 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232010000500027>. Acesso em: 05 maio 2023.

BATISTA, J. A. *et al.* Automedicação e Saúde Pública: dimensionamento dos fatores de risco e comportamentos de saúde. **Saúde e Pesquisa**, v. 14, n. (Supl. 1), p. 1–

18, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.17765/2176-9206.2021v14Supl.1.e9370>. Acesso em: 02 maio 2023.

BIBLIOTECA VIRTUAL EM SAÚDE (BVS). 05/5 – Dia Nacional do Uso Racional de Medicamento. **Biblioteca Virtual em Saúde**, 2021. Disponível em: <https://bvsms.saude.gov.br/05-5-dia-nacional-do-uso-racional-de-medicamento/>. Acesso em: 15 maio 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Política nacional de medicamentos**. Brasília: Ministério da Saúde, 2001.

CONSELHO FEDERAL DE FARMÁCIA (CFF). Quase metade dos brasileiros que usaram medicamentos nos últimos seis meses se automedicou até uma vez por mês. **Conselho Federal de Farmácia**, 2019. Disponível em: <https://www.cff.org.br/noticia.php?id=5267>. Acesso em: 15 maio. 2023.

CONSELHO FEDERAL DE FARMÁCIA (CFF). Carta aberta do CFF aos farmacêuticos e à sociedade. **Conselho Federal de Farmácia**, 2020. Disponível em: <https://www.cff.org.br/noticia.php?id=5788>. Acesso em: 15 maio. 2023.

CORREIA, V. G. A. *et al.* Experiência com a Transmissão de um programa sobre automedicação por meio de uma Web Rádio. **Revista de Enfermagem da UFPI**, v. 9, e9818, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.26694/reufpi.v9i0.9818>. Disponível em: 10 maio 2023.

DOMINGUES, P. H. F. *et al.* Prevalência e fatores associados à automedicação em adultos no Distrito Federal: estudo transversal de base populacional. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 26, n. 2, p. 319–330, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.5123/S1679-49742017000200009>. Acesso em: 09 maio 2023.

GALVAN, M. R.; PAI, D. D; ECHEVARRÍA-GUANILO, M. E. Automedicação entre profissionais da saúde. **Reme: Revista Mineira de Enfermagem**, v. 20, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5935/1415-2762.20160029>. Acesso em: 08 maio 2023.

GONÇALVES JÚNIOR, J. *et al.* Influência da publicidade na automedicação na população de um município brasileiro de médio porte. **Journal of Health and Biological Sciences**, v. 6, n. 2, p. 152-155, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.12662/2317-3076jhbs.v6i2.1447.p152-155.2018>. Acesso em: 03 maio 2023.

HENRIQUES, M. Q. S. *et al.* Promoção do uso racional de medicamentos no contexto dos 3º e 4º ciclos da educação de jovens e adultos. **Revista Ciência Plural**, [S. l.], v. 6, n. 2, p. 44–65, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.21680/2446-7286.2020v6n2ID20514>. Acesso em: 14 maio 2023.

LIMA, C. S. *et al.* A relevância da extensão acadêmica sobre a prática racional de medicamentos: relato de experiência. **Revista de Enfermagem e Atenção à Saúde**

[online], v. 9, n. 1, p. 136-143, 2020. Disponível em:
<https://doi.org/10.18554/reas.v7i2.3366>. Acesso em: 05 maio 2023.

MATOS, J. F. *et al.* Prevalência, perfil e fatores associados à automedicação em adolescentes e servidores de uma escola pública profissionalizante. **Cadernos Saúde Coletiva**, v. 26, n. 1, p. 76–83, 2018. Disponível em:
<https://doi.org/10.1590/1414-462X201800010351>. Acesso em: 10 maio 2023.

PEREIRA, F. S. V. T. *et al.* Automedicação em crianças e adolescentes. **Jornal de Pediatria**, v. 83, n. 5, p. 453–458, set. 2007. Disponível em:
<https://doi.org/10.2223/JPED.1703>. Acesso em: 03 maio 2023.

RAMIRES, R. O. *et al.* Automedicação em usuários da Atenção Primária à Saúde: motivadores e fatores associados. **Semina: Ciências Biológicas e da Saúde**, v. 43, n. 1, p. 75–86, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.5433/1679-0367.2022v43n1p75>. Acesso em: 02 maio 2023.

SECOLI, S. R. *et al.* Tendência da prática de automedicação entre idosos brasileiros entre 2006 e 2010: Estudo SABE. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 21, p. e180007, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-549720180007.supl.2>. Acesso em: 01 maio 2023.

SILVA, I. D. D. *et al.* Acesso e implicações da automedicação em idosos na atenção primária à saúde. **Journal Health NPEPS**, v. 4, n. 2, p. 132–150, 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.30681/252610104100>. Acesso em: 07 maio 2023.

TREBIEN, H. A. **Medicamentos – benefícios e riscos com ênfase na automedicação**. Setor de Ciências Biológicas, Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, Universidade Federal do Paraná. Curitiba: H. A. Trebien, 2011.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **The role of the pharmacist in self-care and self-medication**. Report of the 4th WHO Consultative Group on the Role of the Pharmacist. Hague, Netherlands: WHO, 1998. Disponível em:
https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/65860/WHO_DAP_98.13.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 15 maio 2023.